



**Bolsas**  
Na terça-feira

0,40%

São Paulo

0,20%

Nova York

**Pontuação B3**  
IBOVESPA nos últimos dias

160.456

161.125

23/12

26/12

29/12

30/12

**Dólar**  
Na terça-feira

R\$ 5,489

(- 1,43%)

**Salário mínimo**

R\$ 1.518

**Euro**  
Comercial, venda  
na terça-feira

R\$ 6,448

**CDI**  
Ao ano

14,90%

**CDB**  
Prefixado  
30 dias (ao ano)

14,90%

**Inflação**  
IPCA do IBGE (em %)

Julho/20250,26

Agosto/2025-0,11

Setembro/20250,48

Outubro/20250,09

Novembro/20250,18

MERCADO DE TRABALHO

Desemprego recua e bate novo recorde

Apesar da queda da desocupação para 5,2%, no trimestre encerrado em novembro, ritmo de criação de vagas com carteira assinada desacelera no penúltimo mês do ano

» RAPHAEL PATI

Apesar de o desemprego continuar em queda e atingir o menor nível da série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o mercado de trabalho formal perde o fôlego na criação de novas vagas, de acordo com dados divulgados, ontem, pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Continua, divulgada, ontem, pelo IBGE, mostra que a taxa de desocupação para o trimestre encerrado em novembro atingiu o menor nível de toda a série histórica, iniciada em 2012, com 5,2% da força de trabalho do país, dado que surpreendeu o mercado, porque era esperada uma estabilidade da taxa anterior, de 5,4%.

Desde junho, o indicador segue em trajetória de queda, emplacando novos recordes. No período analisado de setembro a novembro, a Pnad identificou 5,64 milhões de pessoas à procura de emprego, o que representa o menor número de desocupados já registrado desde o início das medições. Além disso, a pesquisa constatou novo recorde no total de pessoas ocupadas no país, de 103 milhões.

Na comparação com o trimestre encerrado em outubro, o grupo de administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais registrou o único avanço significativo do número de pessoas ocupadas, com uma alta de 2,6%, ou 492 mil a mais. Para o estrategista-chefe da RB Investimentos, Gustavo Cruz, o avanço do número de trabalhadores no setor público se dá por conta de uma estratégia do próprio governo federal. “Desde o começo do governo, é uma visão de governar diferente, de ter mais trabalhadores do setor público, de fazer mais editais, mais concursos, de preencher mais vagas, diferente das gestões anteriores dos ex-presidentes (Michel) Temer e (Jair) Bolsonaro, onde se tentava fazer mais com menos pessoas”, avaliou.

Renda maior

A pesquisa do IBGE também indica que o rendimento médio da população ocupada do país aumentou para R\$ 3.574, um novo recorde. O valor é 1,8% acima do trimestre móvel anterior e 4,5% a mais do que o mesmo período de 2024. Esse aumento foi resultado da alta de 5,4% no rendimento dos trabalhadores em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas. Na comparação com 2024, cinco atividades registraram ganhos salariais: agricultura e pecuária (7,3%), construção (6,7%), informação, comunicação e atividades financeiras (6,3%), administração pública (4,2%) e serviços domésticos (5,5%).

A pesquisa divulgada ontem pelo MTE também mostra que o saldo de admissões foi positivo em novembro. Apesar disso, o resultado foi o pior para o mês em toda

Ed Alves/CB/DA.Press. Política, entrevista com o Ministro do Trabalho Luiz Marinho.

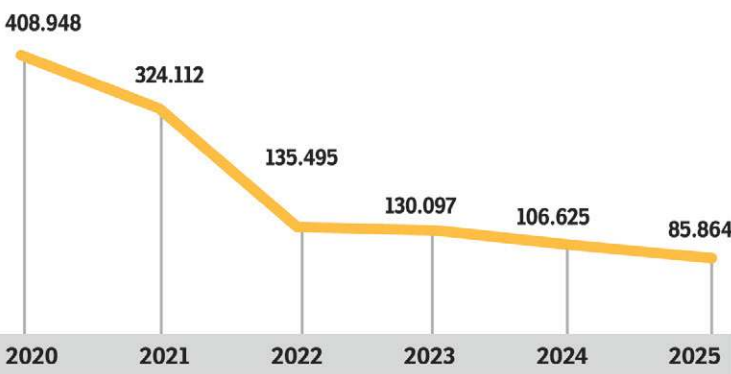


Ministro do Trabalho, Luiz Marinho minimiza desaceleração e culpa a taxa de juros elevada

Saldo mais fraco

Geração de empregos no último mês de novembro foi a menor de toda a série histórica e evidencia efeitos da política monetária mais restritiva, indicam especialistas. Ao mesmo tempo, salário médio foi recorde.

Saldo de empregos formais no Brasil em novembro



Fonte: Novo Caged, Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)

a série histórica, com 85,8 mil postos de trabalho gerados no período. No acumulado do ano, a diferença entre contratações e desligamentos chegou a 1,89 milhão. Já nos últimos 12 meses, o que inclui dezembro do ano passado, o saldo supera 1,33 milhão de pessoas.

Ao comentar os números do Caged, ontem, o ministro do Trabalho, Luiz Marinho, minimizou a desaceleração na geração de vagas com carteira assinada e destacou que não vê com maus olhos o resultado de novembro e voltou a apontar a questão dos juros como principal fator para a redução do crescimento da economia e, consequentemente, do mercado de trabalho. “Apesar, sim, de uma desaceleração, que eu venho chamando a atenção desde maio, durante o maio e todo o semestre, o papel aqui dos juros eu acho determinante para esse processo de desaceleração, porém a combinação da

tarefa nada fácil do Banco Central é de mirar a inflação”, disse Marinho. Ele reforçou estar confiante para o ano de 2026, apesar de ser um ano eleitoral e com os juros ainda elevados.

De acordo com o levantamento do MTE, apenas os setores de comércio (0,7%) e de serviços (0,3%) tiveram resultados positivos no mês passado. Em contrapartida, os segmentos da construção, da agropecuária e da indústria registraram saldos negativos no mesmo período, de 0,7%, de 0,8% e de 0,2%, respectivamente. O salário médio real de admissão apontado pela pesquisa do Caged em novembro foi de R\$ 2.310,78, praticamente estável ante ao valor do mês anterior, de R\$ 2.305. Vale destacar que, ao contrário da Pnad, que considera empregos formais e informais, a análise do Caged é feita somente com base em trabalhadores que integram as regras da Consolidação

das Leis do Trabalho (CLT).

Para Rodolpho Tobler, mestre em economia e finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), os dados do Caged já indicam uma desaceleração no mercado de trabalho que pode se estender para 2026. “A geração de emprego formal vai encerrar o ano em um nível muito favorável, mas em um ritmo um pouco menor do que vinha acontecendo ao longo do ano. Já há sinais de desaceleração parecida com a que a economia já tem retratado”, apontou o especialista, que avalia que ao mesmo tempo em que há um “pouso suave” da economia, isso também se reflete nos dados sobre o emprego. “Os saldos vêm ficando um pouquinho menores, mesmo após mês, já aparecendo um reflexo ali da atividade econômica que tem desacelerado de maneira um pouco branda, mas já tem dado alguns sinais de perda de força”, avaliou Tobler.

Comércio em PAUTA



Informativo da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), do Sesc e do Senac

CNC DEFENDE NEGOCIAÇÃO COLETIVA NO DEBATE SOBRE A ESCALA DE TRABALHO 6x1

A Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados realizou, no dia 10 de dezembro, audiência pública para discutir os impactos do possível fim da escala 6x1 na jornada de trabalho no Brasil. O encontro, solicitado pelo deputado Rogério Correia (PT-MG) e também assinado pelo então deputado Guilherme Boulos (Psol-SP) e atual ministro da Secretaria-Geral da Presidência, reuniu representantes do governo e de entidades do setor produtivo.

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) foi representada pelo diretor da entidade e presidente em exercício da Fecomércio-SP, Ivo Dall’Acqua Junior, que reafirmou a posição da Confederação: mudanças na jornada devem ser fruto de convenções e acordos coletivos, respeitando a realidade de cada setor.

Conforme entendimento defendido pela CNC, legislações rígidas e generalizadas podem fragilizar a autonomia sindical e gerar impactos relevantes, especialmente, em micros e pequenas empresas. Dall’Acqua manifestou preocupação com o aumento automático do custo da folha salarial caso a jornada seja reduzida de 44 para 36 horas semanais, o que poderia elevar despesas em até 18% — percentual impossível de ser absorvido por muitos negócios.

O representante da CNC lembrou ainda que diversos setores já praticam jornadas específicas, fruto de negociação coletiva, como é o caso da saúde com o modelo 12x36. “Romper esses arranjos pode gerar desequilíbrios, quebrar rotinas de funcionamento e aumentar custos operacionais”, afirmou.



Ivo Dall’Acqua, da CNC, fala na audiência pública da Câmara

AUTORES REVELADOS PELO PRÊMIO SESC DE LITERATURA CHEGAM ÀS LIVRARIAS DO PAÍS

O Prêmio Sesc de Literatura celebrou seus novos autores com uma roda de conversa e uma sessão de autógrafos no dia 15 de dezembro, no Arte Sesc, no Flamengo. Este ano, o concurso premiou o romance Goiás, de Marcus Groza, a coletânea de contos Massaranduba, de Abáz, e o livro de poesias Escalar Cansa, de Leonardo Piana. Além de publicação e distribuição das obras em todo o País pela Editora Senac Rio, os vencedores receberam uma premiação no valor de R\$ 30 mil e participarão de eventos literários a serem promovidos pelo Sesc ao longo de 2026.

As inscrições para a próxima edição do Prêmio Sesc de Literatura estarão abertas gratuitamente a partir do dia 2 de fevereiro. Podem concorrer escritores

estrangeiros nas categorias Romance, Conto e Poesia.

Os trabalhos inscritos são analisados por comissões julgadoras compostas por renomados escritores, jornalistas e críticos literários, com base no anonimato, garantindo a lisura do processo.

Desde sua criação, em 2003, o projeto já recebeu cerca de 24 mil originais e revelou ao mercado editorial 43 novos autores.



Os autores Abáz (E), Marcus Groza e Leonardo Piana

NOVOS INDICADORES MOSTRAM EMPREGABILIDADE EM ALTA NOS CURSOS DO SENAC

O Senac consolidou novos indicadores de empregabilidade que revelam, de diferentes perspectivas, a situação de trabalho de alunos e alunas que se formaram recentemente e tinham objetivos profissionais com os cursos escolhidos. Os novos indicadores representam uma inovação metodológica por irem além dos tradicionais referenciais de inserção no mercado, considerando também as dimensões de manutenção e progressão de carreira.

De acordo com os resultados, de cerca de 470 mil ex-alunos e ex-alunas que compõem esse universo, mais de 250 mil aumentaram sua empregabilidade após estudar no Senac.

Destes, em torno de 147 mil conseguiram um trabalho e aproximadamente 75 mil se mantiveram trabalhando.

Essa abordagem amplia a compreensão sobre a empregabilidade de alunos e alunas ao considerar diferentes trajetórias profissionais.

Ela não se limita a identificar quem entrou no Senac sem trabalho e conquistou uma vaga após a conclusão do curso, mas também mapeia aqueles que já estavam trabalhando no momento da matrícula, revelando como a formação contribuiu para o desenvolvimento e a valorização de suas carreiras.